

ESCOLA DE ARTES, HUMANIDADES E CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ACH0151 - Sociedade, Multiculturalismo e Direitos - Cultura Digital

Resenha do bloco I: A emergência da Internet

Docente: Pablo Ortellado
Discente: Juliana Bastos Trevine - nUSP: 10819311

2022

Como remonta Castells no primeiro capítulo de seu livro "A galáxia da Internet", a rede internacional nasceu da confluência de diferentes redes de computadores.

Uma era a ARPAnet, uma rede entre a agência ARPA do Departamento de Defesa estadunidense com centros de computadores de grupos universitários de pesquisa. Outra, a FIDONET, uma rede de computadores pessoais voltada para transferência de arquivos. Uma terceira, a BITNET, uma rede de computadores para usuários de IBM, que, no geral, eram universitários. E a última, a Usenet, uma rede de comunicação entre computadores UNIX. A partir da congregação destas redes, a Internet passou a tomar forma e cada uma delas deixaram importantes legados para estrutura da Internet, com destaque para a comutação por pacotes e o protocolo TCP/IP legados da ARPAnet e a cultura de abertura do código-fonte e valorização de liberdades para uso do software legados da Usenet.

Com as universidades sendo grandes atores no desenvolvimento da rede, a cultura permeada esses espaços alicerçou sua estruturação. A cultura de liberdade dos anos 60 e 70, os movimentos de contracultura, as bases comunitárias criadas por hackers que experimentavam em códigos abertos e a cooperação entre pares, tradicional do ambiente acadêmico, compuseram um caldo onde a internet floresceu.

Um projeto que era produto da construção dessa comunidade e ao mesmo tempo, se tornou seu refúgio. Nas palavras de Castells, "essa cultura estudantil adotou a interconexão de computadores como um instrumento da livre comunicação, e, no caso de suas manifestações mais políticas, como um instrumento de libertação, que, junto com o computador pessoal, daria às pessoas o poder da informação, que lhes permitiria se libertar tanto dos governos quanto das corporações".

A declaração de independência do ciberespaço, de John Barlow, exemplifica a celebração da liberdade máxima proporcionada pelo advento da internet. Nela, Barlow declara que o ciberespaço - este "novo lar da mente" - não reconhece a soberania de nações e nem é limitado pelas fronteiras de países; que é um novo mundo, um que criará suas próprias regras, não discriminará pessoas, não atenderá normas jurídicas tradicionais, não permitirá intervenção de tirania e vigilância; que é garantidor de liberdade de expressão plena e auto-determinação.

A Arpanet, já consolidada, não mais garantia o sigilo que as comunicações militares exigem. Isso fez com que a rede fosse seccionada em duas: uma militar e a outra civil, dedicada à pesquisa. A rede civil passou a ser administrada pela Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos, que, pouco depois, encaminhou a internet para privatização.

O processo de descolamento desta tecnologia de suas raízes acadêmicas, permitido pela privatização, abriu um novo marco na história da internet, período que Lawrence Lessig chama de "segunda vida" em seu livro "Code and other laws of cyberspace".

Um dos blocos de capítulos do livro, o "Regulability", é dedicado a se contrapor ao pensamento de que a internet é um ambiente naturalmente livre de controle e de impossível regulamentação, afirmação recorrente durante os primórdios da rede e compartilhada por Barlow.

Mais do que só discordar, Lessig compreende que esse pensamento - de uma rede essencialmente livre - é um caminho possível que a internet poderia tomar e, de fato, tomou em seu início. Mas se limita a isso: apenas um caminho. Poderia tomar outro entre tantos conforme as decisões de projeto de sua arquitetura e políticas de implementação são feitas, escolhas estas que são reflexos de quem constrói a rede.

Em certo momento da história, garantir muita liberdade era um pilar fundamental, mas isso não engessa a rede e não a cerceia de se transformar em outra coisa, a depender de novos interesses sobre ela. Em suas palavras, "a tecnologia é plástica [...] Nós podemos esperar - e demandar - que ela seja feita para refletir quaisquer conjuntos de valores que nós achamos importantes".

Ele exemplifica a plasticidade com dois casos: um da Universidade de Chicago, onde ao acessar a rede na universidade, uma pessoa tem acesso completo, navegação anônima e uso gratuito garantido graças a política que o diretor desejou; enquanto em Harvard, o acesso é restrito a computadores registrados de discentes da universidade, a navegação é identificada por máquina e exige adesão contratual, demandadas também por reflexo da política que o diretor exigiu. Em ambos casos, mesmo de características extremamente opostas, escolhas orientaram implementações para atender valores diferentes.

Assim, defende ele, que "arquiteturas de controle [da rede] são possíveis; elas poderiam ser adicionadas a Internet que nós já conhecemos. [...] Se essas arquiteturas de fato devem ser adicionadas depende do que nós gostaríamos do uso da rede". Lessig segue, então, mostrando como a arquitetura da internet foi pressionada, pelo comércio, para implementar mudanças regulamentares e pondera que o governo também deveria se movimentar mais, com seus próprios interesses, no debate da regulamentação da rede. Mais ou pelo menos de uma forma mais completa e menos à mercê apenas da agenda dos setores de inteligência do governo nas demandas por regulamentação.

Bibliografia:

Castells, M. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. "Lições de história da internet"

Barlow, J. P. Uma declaração de independência do Ciberespaço. (1996)

Lessig, L. Code and other laws of cyberspace. Nova Iorque: Basic Books, 2008. "Regulability"